

Pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos úteis.

INTRODUÇÃO.



ESTE annos acabam de volver desde aquelle em que o Panorama nasceu. Sete annos! — No incessante passar de tanta cousa grave, importante, saudada pelo affecto, ou apupada pelo odio, de tanto nome ruidoso lançado no esquecimento, ou tirado da escuridão para a celebridade; neste rapido turbilhão de factos e de pensamentos, ao mesmo tempo energicos e frageis, activos e transitórios, que vivem, brilham, e dominam um dia para no outro serem condemnados, e depois escarnecidos, e a final deslembrados; nesta epocha de mudanças sem transição, de contrastes asperos e dissonantes, de edificação de ruínas sobre ruínas, de infancia viril e de virilidade cachetica; no meio do caminhar inquieto da geração actual que devora o futuro, sete annos equivalentem a um seculo, ou antes a seculos inteiros de transformações. E o Panorama — a pequena lapida posta por mãos obscuras como a mais humilde das inscripções miliarias que a nação vai deixando no seu progresso continuo — tem sobrevivido a todas as cousas e ideas nascidas e mortas em tão largo periodo. Bem como o homem do povo, para quem principalmente foi destinado, em quanto o turbilhão proceloso derriba os cedros possantes das alturas, elle rasteiro e pobre arbusto, meanea-se apenas no abrigo do seu valle, e dilata a sua existencia anno apoz anno, sem que o seu verdo se desbote ou a seiva subindo d'este solo, que tão proprio lhe tem sido, deixe de alimentar o seu já antigo tronco.

E qual é o segredo desta longevidade, que, por esquecer o mais, tantas publicações periodicas superiores a elle em todo o genero de meritos não poderam alcançar? Qual a vida intima que tem alimentado esta existencia n'um clima pouco favoravel ás produções da imprensa, onde até plantas robustas e vivazes frequentes vezes definham e perecem?

O segredo dessa larga vida do Panorama não é outro senão o haver seguido estrictamente o systema que a si proprio impoz desde o seu apparecimento, e de ter este systema merecido a approvação espontanea e desinteressada da parte grave, illustrada, e moral do povo portuguez, que, seja qual fór a corrupção de uma ou outra classe e o atrazo do vulgo, ainda é assaz forte e numerosa para com o seu concurso fazer subsistir e prosperar um jornal que incontestavelmente algum bem tem feito ao paiz.

E dizemo-lo com um honrado orgulho; dizemo-lo com a mão sobre a nossa consciencia litteraria. Depois que a imprensa definitivamente se libertou da censura, foi o Panorama a primeira publicação do seu genero, que revocou certa affeição pelas cousas que o passado linha boas e veneraveis, sem que por isso trahisse a missão de progresso, que incumbem

aos escriptores que sabem quaes são os destinos da epocha presente: foi elle o primeiro que a par da diffusão das ideas de utilidade material, trabalhou para que renascesse o sentimento da antiga energia e gloria nacional, sentimento amortecido e quasi gasto por dilatados annos de desventura e desalento, e sem cuja renascença não ha regeneração possivel, porque se não começa pela regeneração da dignidade de homem e de cidadão. Sem suscitar odios, sem as grandes coleras do crer profundo, que ás vezes, pelo exclusivo e pela intolerancia, apoz um grande bem que gera traz deploraveis males; o Panorama tem procurado incorporar os desejos e esperanças do futuro com as saudades e tradições do bello e grandioso que ennobreceu esta nossa boa terra em eras remotas. Temos a convicção de que pelo lado moral é este o maximo serviço que a imprensa popular pôde fazer á nação, e de que o Panorama o tem feito, quanto o alcançaram e alcançam as honestas intenções, e os mais ou menos vastos recursos dos seus diversos collaboradores.

Sabemos que não faltarão espiritos, aliás rectos e illustrados, que nem sequer nos levem em desconto das faltas necessariamente commettidas esse revocar do povo á nobreza moral pela recordação da sua gloriosa arvore genealogica. São aquelles que deslumbrados pela immensidão das reformas politicas, que no tempo actual ou se tentam ou se anteveem, desprezam a historia e buscam divorciar a sociedade que é com a que foi. Não lhes queremos nós mal por isso: porque é uma prova da sinceridade das suas doutrinas. Tambem elles são poetas; poetas mais idealistas que nós os que venerámos as formosas e santas recordações da historia. Na sua respeitavel innocencia de sabios chegaram a persuadir-se de um grande erro chronologico — isto é, de que os seus principios achados hontem, formulados hoje, e cujo desenvolvimento e applicação completos ainda tem de tardar alguns dias, precederam a existencia dos povos. Para elles as novas ideas sobre a ordem social não importam *reforma*, porém sim *fundação*. Involuntariamente imaginam que em vez de nações antigas que a Providencia quer renovar pela acção lenta do progresso intellectual tem a seu dispôr homens primitivos, sem habitos, sem crenças, sem memorias, sem relações mutuas, herdadas de pais e d'avós, sem affectos cujas raizes estejam profundamente embebidas sob a campã dos seculos extinctos. Assim longe de pertenderem mudar no edificio politico, ora o tympano do frontão, logo as columnatas dos balcões, depois os corucheus e os tectos, não trancam, mas suppõem já uma demolição completa; e como se o terreno estivesse desentulhado e razo, propõem-vos tranquillamente o desenho da edificação que conceberam.

Para estes a historia e as suas eloquentes lições não passam de um instrumento ferrugento e inutil, só bom para sepultar no montão de ruínas, que elles phantasiaram, do passado.

Todavia o povo está lá; — o povo mais forte que as mais fortes intelligencias; mas que mal educado ás vezes lança á face de homens respeitaveis que o amam os injuriosos epithetos de sonhadores de abusões, de cirzidores de chimeras; é a injuria irracional absolutamente fallando, porque as theorias desses homens serão provavelmente applicaveis algum dia em toda a sua extensão; é relativamente desculpavel, porque o povo sente que se lhe pede um sacrificio humanamente impossivel, a abnegação de todas as tradições e habitos, e uma transição instantanea e completa do real da vida para o ideal dos socialistas, um pouco mais estranho que o de todos os poetas.

Nós esperámos a regeneração nacional não menos da memoria do passado que das doutrinas que pertencem ao futuro. A primeira necessidade de um povo é o existir como tal, e a primeira necessidade para essa existencia é o affecto da patria, affecto indefinido cujo poder é todavia immenso para produzir não só as grandes e generosas acções, mas, o que é mais, para nos fazer consentir nessa multidão de pequenos sacrificios que a sociedade exige a todo o instante dos seus membros. Abstrahi, porém, da historia, no rigor do vocabulo; fazei com que n'um instante marcado todos os homens se considerem como individuos estranhos, primitivos, sem recordações, costumes, e creanças communs; e a palavra patria, será vaã, inintelligivel, e o amor por ella um impossivel. Verdade bem conhecida por todos os conquistadores, cujo grande cuidado é sempre apagar os vestigios dos monumentos de uma nação vencida, e trocar-lhe os costumes e a fé pelos dos vencedores. Templos, tumulos, usanças, e a historia são a nacionalidade.

E depois de uma nação pequena, desanimada, persuadida de que a sua pequenez e pobreza lhe inutilisarão todas as diligencias para ser respeitada e feliz, que melhor incentivo se pôde offerecer, para a conduzir a acreditar na propria intelligencia e na propria energia, do que as glorias e venturas passadas? — que melhor exemplo de grandeza moral que a de seus avós, se elles de feito foram grandes e virtuosos? E se tal meio de regeneração é efficaz, a quem pôde elle aproveitar mais do que ao velho Portugal, tão rico de tradições nobres e gloriosas?

Se algum pôde contestar ao Panorama — em nome d'uma sciencia que se engana não tanto nas theorias como na legitimidade da sua immediata applicação — os serviços por elle prestados ao pensamento de nacionalidade; nem uma só voz se erguerá para lhe negar o seu nunca desmentido respeito aos costumes, e as suas tendencias constantes para alimentar o sentimento religioso, ao mesmo tempo que combate e combaterá sempre o fanatismo e a intolerancia, inimigos os mais cruéis do verdadeiro christianismo, e os que porventura maiores males lhe produziram já e ainda lhe podem produzir; porque deveis estar certos de que elles não morreram, nem morrem.

Emfim, se o paiz tem dado alguns passos no caminho do progresso material e moral, o Panorama pôde jactar-se de não ter sido inteiramente alheio a similhante successo. Os documentos irrecusaveis dessa verdade estão estampados nos seus milhares de paginas, e na convicção della está a recompen-

sa da firmeza com que os seus diversos redactores tem sabido seguir o systema estabelecido a principio nas condições e fins desta publicação. Quanto ao futuro, sete annos de sincero e leal cumprimento de nossos deveres da-nos o direito de ácerca del-le guardarmos completo silencio.

Os RR.

ESTUDOS MORAES E POLITICOS D'UM VELHO  
MINISTRO D'ESTADO.

(Carta 1.<sup>a</sup>)

Lisboa 5 de Dezembro de 1843.

AMIGO e SŪR. — Vejo com particular satisfação que os Jornaes scientificos, o *Panorama* e a *Revista Universal de Lisboa*, continuam a gozar de uma bem merecida accitação. Em quanto houver quem escreva e quem lêa, existe um symptoma de vida social, e uma esperanza de que algem se aproveite; e as gerações futuras, sendo mais esclarecidas e virtuosas, hão-de ser por consequencia mais felizes do que a presente.

A empreza da Sociedade, que promove a *propagação dos conhecimentos uteis*, se fôr sempre bem dirigida é obra de civilisação. Agrade-me o pensamento destes dois Jornaes; e a escolha dos assumptos, a linguagem e estylo de alguns artigos, attestam o discernimento, tacto e gosto dos directores, e respectivos collaboradores. Deve pois recomendar-se a sua leitura como um meio seguro e efficaz de desafiar o appetite e a curiosidade do povo e das creanças, e de auxiliar os philosophos e os pais de familia na importantissima e gloriosa tarefa de promover a educação publica e domestica.

V. S.<sup>a</sup> sabe quanto eu tive sempre a peito este assumpto, que me interessa como pai de familia e como magistrado (1). Eu considero a paternidade e a educação não só como uma especie de sacerdocio da natureza, mas uma sorte de magistratura e delegação ou mandato da sociedade civil a bem do interesse commum. É por tanto o objecto mais digno do estudo e meditação do philosopho: das providencias do legislador; e do zelo e actividade do magistrado e do pai de familia: por quanto do aproveitamento physico, intellectual, moral e religioso do homem, isto é, d'um completo systema d'educação, depende a ventura ou bem-estar possivel do individuo; a conservação e o bem geral da especie humana; a regeneração politica de qualquer povo; e a verdadeira civilisação do mundo.

Em quanto porem o poder legislativo não adopta um adequado plano d'educação geral, cumpre promover, quanto é possivel, o melhoramento da educação domestica e particular, offerecendo á bem entendida sensibilidade e delicadeza das mães, á prudencia e firmeza dos maridos, ao illustrado patriotismo dos magistrados, e ao entendimento já algum tanto desenvolvido dos mesmos educandos, a indicação dos meios que parecem mais accommodados ao progresso e aperfeiçoamento da educação domestica.

Com este intuito procurei aproveitar a minha residencia em França e Inglaterra, e conformando-me desde que alli cheguei com o conselho de nos-

(1) Veja-se *Projecto sobre a administração dos expostos no Investigador portuguez em Inglaterra* N.º 49 e 50 — julho e agosto 1815.

so classico, o padre Manuel Bernardes = *Inventa ou escolhe o melhor do muito*, comecei por adoptar o *Curso d'estudos philosophicos, moraes e politicos*, do nosso distincto sabio, digno compatriota, e particular amigo, o conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira, e estudei com especial attenção o seu original e completo plano d'educação e instrução publica, que elle considera como parte essencial e integrante do seu *Projecto de Codigo politico para a nação portugueza*, obra de verdadeiro progresso, mas cujo destino provavel é não ser entendida nem apreciada senão pelos vindouros, quando estiverem mais desapressados de paixões e preconceitos do que os presentes. Ao mesmo tempo que estudava, e fazia conhecer (2) a luminosa invenção d'aquelle sabio amigo, dei-me a procurar e *escolher* o *melhor* que pude alcançar do *muito* que offerece a moderna Bibliographia franceza, alemaã, ingleza, italiana, hespanhola e portugueza, traduzindo, extractando, ou resumindo, o que me pareceu agradável e adequado á educação e instrução de meus filhos e netos, e dos filhos dos meus amigos e compatriotas, que para mim são quasi filhos e irmãos.

Tracei então uma serie de *cartas familiares ou conselhos a meus netos* sobre os topicos: 1.º Saude; — 2.º Sciencia ou instrução; — 3.º Probidade e costumes; — 4.º Amabilidade, polidez e bom gosto; que considero como requisitos indispensaveis d'um sistema completo d'educação, e condições da ventura possivel do homem sobre a terra.

Tenho publicado, como V. S.ª sabe, trasladado em linguagem portugueza, alem da *lei natural*, e da *Atala de Chateaubriand*, mais proximoamente o *Bem homem Ricardo*, obra do sabio americano Franklin; — o *Simão de Nantua*, de Jussieu; e a *Historia dos dois irmãos Estevão e Valentim* (3).

Brevemente espero publicar = *André ou a pedra de tóque* = de Mademoiselle S. Ulliac Trémadeure, pessoa tão respeitavel por suas virtudes como pelo seu saber, e que ha mais de vinte annos escreve e promove a educação da mocidade, e cujas obras tem merecido premios e distincções do Instituto de França, da muito importante sociedade da Moral Christãã, dos principes, e da opinião publica dentro e fóra daquelle paiz. — Envio a V. S.ª o prospecto da obra da mesma senhora, que tem por titulo *Bibliothèque de la jeune fille et la Bibliothèque de la jeune femme*, obra de grande importancia para a leitura e educação das meninas e das mulheres; podendo en affiançar que tudo o que escreve Mademoiselle Ulliac Trémadeure é verdadeiramente consciencioso, honesto, util, e mesmo agradável.

No jornal intitulado *L'Abeille*, que me parece mui bem redigido em francez, e publicado em Lisboa, annunciei o livro, que tem por titulo *L'Education des femmes* de Mademoiselle Lajolais, obra de muito merecimento e tambem premiada pelo Instituto de França.

Tenho por muito recommendavel tambem a obra *Cours complet d'Education pour les filles* par M. A. Thery, *provisieur du collège royal de Versailles*. Esta obra divide-se em tres partes, a saber: 1.ª *Education élémentaire de quatre à dix ans*; — 2.ª *Edu-*

*cation moyenne de dix à seize ans*; — 3.ª *Education supérieure de seize à vingt ans*.

Eu não só insisto na educação das mulheres, mas considero este objecto de tamanha importancia que me parece um dos primeiros capitulos da reforma assim na publica educação, como na domestica; e isto por duas razões evidentes: a 1.ª porque as mulheres são destinadas para viverem em sociedade com os homens, e dellas depende a felicidade delles; a 2.ª porque sendo as mulheres as primeiras mestras dos homens, a ordem natural das idéas pede que se comece por formar mestres, e crear escholhas normaes.

Recommendo outrosim a obra do sabio allemão Fritz, que é preciosa como tratado scientifico, e pela noticia bibliographica dos melhores auctores em materia d'educação; — e bem assim a obra de educação moral, de Cesar Cantu, que é popular em Italia, e hoje tambem em França, graças a Madame Amable Tastu, a quem se deve alem disso o interessante livro intitulado = *Education maternelle* = as obras de Miss Edgeworth, apesar de não serem tão recentes, e ainda hoje gozam de popularidade em Inglaterra. — A obra de Mr. Viardot sobre os pintores de Hespanha e os *Estudos sobre a historia das instituições politicas, litteratura, theatro, Bellas-Artes em Hespanha*, de que fiz a traducção [por ora inédita], me parecem interessantes para nos fazer melhor conhecer e apreciar aquella nação que, apesar de tão visinha, não é assaz conhecida dos portuguezes.

Recommendo a *Encyclopédie du premier âge de Mademoiselle Ulliac Trémadeure*; (4) *l'Encyclopedie des gens du monde*, de que tenho aproveitado muitas idéas; e finalmente na Bibliographia portugueza moderna os classicos portuguezes escolhidos por moralidade e estylo; e neste mesmo sentido recommendo a Revista Universal de Lisboa e o Panorama nos artigos *educação, probidade, ensino publico*, e outros concernentes á educação e instrução.

Acabo esta carta sem pedir perdão de ser tão longa, já pela vastidão e importancia da materia, já por ser dirigida a quem avalia em mais a substancia do que o modo, e faz justiça aos sentimentos e intenções de quem se préza de ser

De V.ª S.ª

Am.º mt.º V.ºr e obrig.ºs

Filippe Ferreira de Araujo e Castro,

ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE.

A'quella ilha aportámos, que tomou  
O nome do guerreiro S. Thiago.  
CANGES. Lus. Cant. 5.º est. 9.ª

ENTRE as possessões ultramarinas da monarchia portugueza contam-se com justa razão por mui importantes as ilhas de Cabo-Verde; e ha muito que dellas extrahiria grandes lucros a mãi-patria, e com

(2) Veja-se *Revista litteraria* do Porto, artigo, — o Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, e o seu *Projecto de Codigo politico para a nação portugueza*. — Em o N.º 21. Anno de 1839.

(3) Acha-se em casa de Mr. Rolland, rua nova dos Martyres N.º 10. — Por Mademoiselle Ulliac Trémadeure.

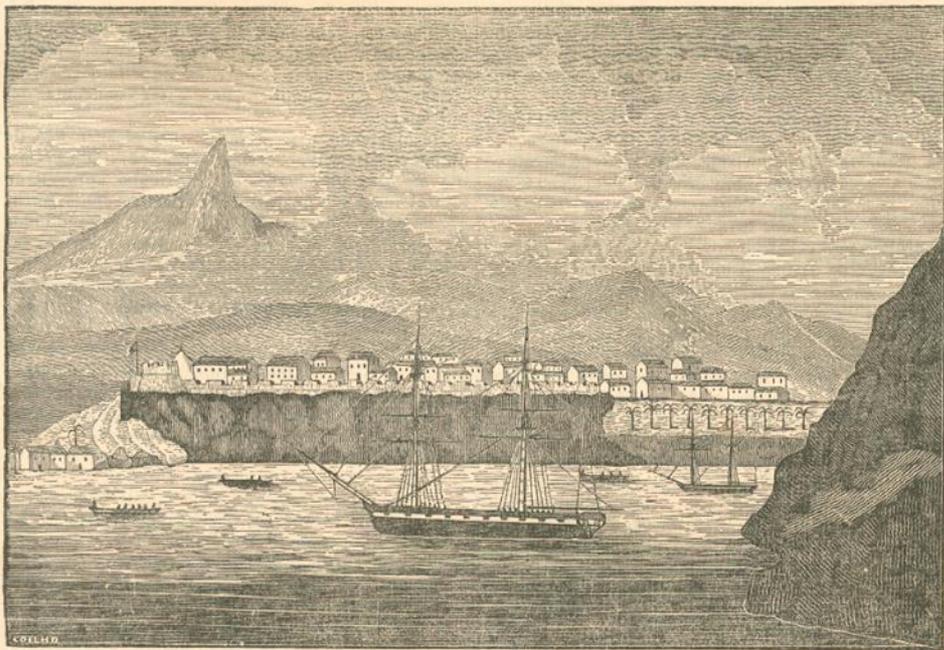
(4) Com o titulo de *Encyclopedie resumida* e em forma de Diccionario, eu offerêceria á mocidade as primeiras noções de cousas uteis, preferindo esta forma á de catecismo, ou perguntas e respostas, que hoje está menosprezada e com muito bons rasões.

proveito reciproco, se as houvesse tratado como filhas estimadas, dignas de cultura, e não como enteadas aborrecidas e incapazes. Desejamos que tenham mais prospero futuro; e o terão com effeito, se continuar com efficacia em seus esforços o espirito civilizador, que dictou nestes ultimos annos algumas providencias geradoras, de melhoramentos que já se vão percebendo.

As ilhas de Cabo-Verde derivam a sua denominação do promontorio assim chamado, que é a terra que mais proxima lhes fica no continente d'Africa, parte do mundo em que os geographos as arrumam: formam dois grupos, que a respeito das brisas de NE.,ahi constantes, se nomeam de *barlavento* e de *sotavento*: no primeiro entram seis; St.º Antão, S. Vicente, St.º Luzia, S. Nicoláu, Sal, e Boa-Vista, e os dois ilhotes Branco e Razo: o segundo comprehende quatro, Maio, Santiago, Fogo e Brava, e demais os ilhéus adjacentes. — Situadas no Oceano atlantico, offercem aos navegantes, que tem de passar a equinocial, abrigo e refresco em portos numerosos.

Deixaremos para outra occasião a sua historia e a valia de suas produções, porque nos detem ago-

ra a estampa, que nos está mostrando o porto da Villa da Praia, capital da ilha de Santiago e de todo o archipelago. E como intentamos em breves artigos subsequentes dar idéa geral desta provincia, de que fallam vagamente, até a maioria dos que a tem visitado, cumpria-nos tomar guia para acertar os passos, conhecer os objectos e chama-los por seus proprios nomes: recorremos para isso á Corographia Cabo-Verdiana, corpo o mais completo de noticias, que poderíamos alcançar sobre o assumpto; resultado dos trabalhos de dois collaboradores, dos quaes foi um o Sr. Varnhagen, a quem são devidas as laboriosas e bem dirigidas investigações historicas e muitas outras noticias e observações scientificas, que tornam summamente interessante esta obra; a respeito da qual só devemos sentir que estando ausente o Sr. Varnhagen, quando se começou a impressão, dahi nascesse sahir ella com tantos defeitos e vicios de linguagem, que não pôde evitar o collaborador estrangeiro [que correu com a mesma impressão] quando compaginou os elementos previamente recolhidos para livro de tanta curiosidade e proveito.



VILLA DA PRAIA, EM SANTIAGO DE CABO-VERDE.

A ilha de Santiago é a maior e a que fica mais ao sul do archipelago, tem 18 leguas de comprido, e 8 na maior largura; comprehende onze freguezias, a saber — 1.ª, de Jesus na cidade antiga e que substituiu a primeira de N.º S.º do Rosario — 2.ª, da Graça na villa da Praia, reparada em 1826 pelo general Chapuzet — 3.ª, S. Nicoláu Tolentino na Ribeira de S. Domingos — 4.ª, S. Thiago Maior — 5.ª, Snr.º da Luz — 6.ª, S. Lourenço na Ribeira dos Orgãos — 7.ª, S. Miguel — 8.ª, St.º Amaro no Tarrafal — 9.ª, o Salvador — 10.ª, St.º Catharina — 11.ª, S. João Baptista na Ribeira da Luz.

— A denominação de *ribeiras* corresponde a valles cultivados e habitados; não é privativa das ilhas, pelo contrario a levaram para lá os colonos; por não amontoar exemplos, citaremos a *ribeira das vinhas*, na proximidade de Cascaes, a cinco leguas de Lisboa, valle tortuoso, apertado entre cabeços ingremes, pelo qual correm agnas das vertentes da serra de Cintra, em suas extremas ondulações para o sul, e que se despejam na formosa bahia da villa, que acabamos de nomear. — A ilha de Santiago, de montanhas elevadas, é cortada por algumas dessas ribeiras, que nunca seccam; sendo aliás

poucas as que chegam ao mar, porque todas as fazendas estão situadas nestas faxas de terreno, e absorvem para as regas quasi todas as aguas. Todavia, de humildes regatos, que eram, tornam-se na estação das chuvas em soberbas torrentes, de curta duração em verdade, mas que vão orgulhosas demandar o amplissimo deposito do Oceano. — Todas as ribeiras tem moradores espalhados, comtudo são raras as aldêas ou povoações agrupadas: dellas a maior, e que terá dois mil habitantes, é a villa da Praia. A cidade da Ribeira Grande era antigamente a residencia do governador, do bispo, e das mais autoridades: dista da Praia tres leguas, e deriva o nome de uma ribeira que por ahi se vai metter no mar. Move espanto como para capital escolheram tal sitio, cercado de altissimas fragas no fundo de uma quebrada estreita; por tal maneira que, estando as casas da banda do norte, aconteceu por vezes despegarem-se moles de rochedos enormes, que rodaram até cahirem no meio da povoação, esmagando, ou derrocando muitos edificios. Não se corre este perigo hoje; desabarão os penedos sobre muitas ruinas. A sé era de boa fábrica, já esteve destelhada em parte; o hospital está mui deteriorado; o seminario, que o ultimo bispo mandou continuar, nunca se pôde acabar. Encontram-se frequentes vestigios de bella cantaria de Portugal, que dizem mudamente — aqui foi cidade.

A Ribeira Grande é sempre exposta ao sol abraçador, rodeada de montanhas tão altas que prohibem o curso dos ventos, a não ser pela ribeira, que tambem fenece a pequena distancia entre serras mui proximas: as exhalações insalubres deste valle, os damnos repetidos causados pelas rochas que desabavam, e a falta de porto, proprio para a frequencia dos navios, motivaram o abandono da povoação, contribuindo o saque dado pela gente da esquadra franceza ás ordens de Cassart em 1712. Talvez por estas circumstancias se ordenou, que a villa da Praia fosse fortificada, e para ella passassem as autoridades superiores; que todos os do termo ahi vendessem seus fructos, desamparando a cidade; e assim outras disposições de theor correspondente.

Ainda que na ilha de Santiago, montuosa e que por isso de mui longe é avistada, se encontram bastantes enseadas, bahias e fundeadouros, sendo as suas costas limpas, não possui realmente porto a não ser o da villa da Praia; o qual é por um lado cercado de alcantiladas montanhas, e tem duas praias de desembarque, que se denominam a da Pedra-negra e a da Praia grande ou da Alfandega. — Cumpre saber que a villa tem assento n'um terreno — «no fundo do seu porto, cortado pela natureza quasi a prumo; d'um lado é banhada pelo mar, pelos outros a cerca um largo valle, e á rôda como em amphitheatro se estendem aridas alturas.» — Na Pedra Negra desembarca geralmente a gente: — «o escaler atraca a uma pedra ilhada onde, estando a maré cheia, bem facilmente sóbe o passageiro; mas não pense este achar-se em terra, ser-lhe-ha necessario fazer um exercicio gymnastico, dando um pulo de cinco pés, e se então escorregando da rocha sempre humida não cabir ao mar poderá enterrando-se na areia caminhar até a villa. Em maré vasia e com mar algum tanto revolto, muito maior é o trabalho. — A Praia Grande é uma extensa lombada de areia, onde o mar bate com menos força, e se desembarcam fazendas e generos, tudo ás costas de negros, que se mettem á agua: aqui é tambem a Alfandega.

(Continúa).

## O ECLYPSE DE 8 DE JULHO DE 1842.

## II.

PARA terminarmos o pouco que dissemos em o n.º 100 deste Jornal acerca do eclipse de 8 de julho de 1842 resumiremos o que de mais interessante encontramos nos trabalhos de Mr. Pinaud e Mr. Boigiraud acerca dos principaes phenomenos que precederam, acompanharam e foram subsequentes ao eclipse: parte do que vamos dizer encontra-se no = *Annuaire encyclopédique pour 1843.* = Em consequencia das observações que se haviam feito a respeito de muitos outros eclipses totaes, os astrónomos tinham annuciado que depois do completo desaparecimento do sol, o disco da lua appareceria cercado de uma aureola luminosa; e assim aconteceu: a natureza desta luz, o momento da sua apparição, a largura da aureola e a verdadeira posição do seu centro foi objecto de muitas observações. A sua côr não foi muito visivel, pois que a aureola se formava de uma luz branca homogenea cuja intensidade diminuia gradualmente á proporção que se afastava do disco escuro da lua, e na qual se percebiam alguns raios rectilíneos que mais brilhavam. — Em toda a aureola ou corôa havia uma differença de brilho digna de attenção. «No centro da região sudoeste do disco lunar, em uma extensão pelo menos de 45 gráus, viu-se um formoso feixe de raios curvilíneos divergentes, os dois ultimos destes raios entre as curvaturas oppostas apresentavam um espaço em que a luz tinha menos intensidade do que no resto da aureola; para alem deste feixe espalhava-se de cada lado uma luz diffusa uniforme até a região *noroeste*, no centro da qual apparecia um fasciculo de raios luminosos, á maneira de pão d'assucar, ou pyramide conica, convergentes e muito mais brilhantes que os que os cercavam.» A superficie interior do disco da lua apresentava uma obscuridade uniforme, mas que não era muito intensa; e se os observadores não viram brilhar na superficie escura da lua nenhum desses clarões instantaneos, observados por Louille e Halley em 1715, viram apparecer repentinamente no meio do eclipse total um ponto brilhante cercado d'uma luz tambem muito brilhante. «Este ponto brilhante — dizem os auctores da memoria que temos á vista — será o mesmo que foi visto por Ulloa, e que o almirante hespanhol attribuiu a um orificio que atravessasse o globo da lua de uma parte a outra, e que dava passagem a uma parte da luz do sol interceptada pelo nosso satellite. Esse clarão seria o effeito de um volcão lunar, do qual a erupção coincidiu com o momento do eclipse? ou deve-se attribuir este phenomeno unicamente aos raios do sol que, reflectidos por uma extensão limitada da superficie das aguas do globo, se fossem concentrar sobre uma porção da superficie da lua para nos serem enviados por uma nova reflexão? O que podemos affirmar com exactidão é que este ponto luminoso em lugar de apparecer na região *noroeste* como o viu Ulloa, appareceu em uma região quasi diametralmente opposta. — O phenomeno mais notavel que se observou neste eclipse foi o apparecimento de uma especie de montanhas igneas, e cujo phenomeno os auctores da memoria que temos citado descrevem do modo seguinte: «No lado superior do disco lunar viam-se umas montanhas de fogo que principiavam no diametro vertical, e continuavam para o oeste; elevavam-se do lado esquerdo, e no

lado opposto desciam em pontas escarpadas — nesta região havia tres que muito bem se podiam observar: a primeira, que era a mais elevada, tinha de altura  $\frac{1}{2}$  do diametro apparente da lua — longe destas montanhas igneas viam-se muitas elevações ondeadas; menos salientes do que as que formavam as montanhas de que temos fallado; mas tão brilhantes como ellas. — Dois pincaros menos elevados que os da parte superior, e com o declive na mesma direcção, brilhavam um á direita, um pouco mais abaixo do diametro horisontal, e outro á esquerda, um pouco acima deste mesmo diametro. Este appareceu primeiro que os outros. » O extraordinario phenomeno que temos descripto durou até o fim do eclipse. Segundo a opinião de Mr. Pinaud e Mr. Boigraud, estas montanhas igneas pareciam *rochedos de cristal escandescentes, cór de roza desvanecido transparente, e com um brilho pouco scintillante.* — Quando o eclipse terminou, o apparecimento do primeiro raio de luz foi muito mais brilhante que o apparecimento do ultimo raio antes do sol se occultar de todo. — Ao passo que a luz do sol se espalhava por todo o horizonte, a aureola luminosa que cercava a lua e as montanhas escandescentes que tornavam escabrosa parte da sua circumferencia, desappareceram. — Entre as differentes questões que pôde suscitar a serie de observações a que deu lugar este eclipse, por certo uma das mais interessantes será a que se pôde ventilar acerca do apparecimento das montanhas igneas de que fallamos: mas por ora a este respeito só existem hypothèses, e por tanto seria temeridade adoptar algumas com especialidade: o mais prudente é esperar novas observações que possam guiar a razão na serie de raciocinios indispensaveis para constituirem uma theoria que esteja de accordo com a experiencia e com todos os principios scientificos, aceites pelo entendimento e confirmados pelas observações.

S. J. Ribeiro de Sá.

## Agricultura.

### SOBRE AS SUAS RELAÇÕES COM A POPULAÇÃO, LEIS E COSTUMES.

(Continuado de pag. 416 do vol. precedente).

As tres causas restantes, a saber, modicidade do imposto, facilidade de communicação, e prohibição estrangeira dependem mais directamente da acção das leis e regulamentos internos do paiz. Quanto á 2.<sup>a</sup> [1.<sup>a</sup> das nomeadas]: é evidente que o imposto territorial, se fór excessivo, pôde esmagar a agricultura. Ordinariamente todo o rendimento agrario se divide em tres partes, a saber, para o proprietario, para o cultivador, e para os avanços e despesas da cultura. Se a taxa do imposto fór proporcional ao producto e rendimento da terra em massa sem desconto nem diminuição alguma, a ruina da agricultura é inevitavel. Nem o trabalho do homem, nem as despesas da cultura podem ser objecto do imposto, porque isso seria ferir a arvore na sua raiz e tige vivificante. Que é o que resta pois? Resta o rendimento do proprietario, unico quotisavel: mas se o tributo ainda nesta parte fór pezado, hade forçosamente augmentar o preço do genero no mercado, e se este augmento fór desproporcionado, affasta a concorrência dos consumido-

res. Destes principios resultou aquelle axioma: = não carregar a classe cultivadora com impostos proporcionaes ao producto liquido da cultura, se querem aliviar os que pezam sobre os consumos.

3.<sup>a</sup> causa=facilidade das communicações.—Antigamente no regimen feudal, em que o territorio era o patrimonio senhorial, em que cada um dos senhores dominiaes tinha nas suas facultades a exploração de todo o genero de proveito, os marcos do territorio demarcavam os limites do transit: os generos portanto não tinham circulação porque os direitos de passagem a obstruiam. O systema municipal, o estabelecimento de feiras e mercados, e os limites postos á servidão senhorial removeram aquellas barreiras; e o territorio todo ficou aberto ás communicações, á circulação dos generos. Removido este estorvo, quebrada esta cadeia moral, fructo das instituições e do systema dominante de tempos barbaros, restava só dar livre campo ás trocas e transacções dos homens entre si: mas então surgiu outro obstaculo, outra barreira que se pôz diante do lavrador e lhe disse: = alto lá, tu não passarás daqui. = Sim, o grilhão moral, que suspendia a circulação nos tempos feudaes, é substituido nos nossos tempos pelo grilhão material e real dos máus caminhos. A poucas leguas de distancia se sente n'um logar a falta de generos que abundam nos vizinhos; e o preço dos cereaes, para ser ou arrastado, ou elevadissimo, depende muitas vezes sómente d'uma ribeira a passar, d'um pequeno outeiro a atravessar. Se o cultivador não pôde sacar do campo ou do celloiro os seus generos para os levar ao mercado, estes como não entram em circulação não tem preço, e não tendo preço, podem sim ser objecto de subsistencia, porem nunca artigo de commercio: mas o superfluo que ministra a indemnisação dos tributos já pagos, e as dos avanços e despesas da cultura, e as provisões indispensaveis do consumo do lavrador, nada vale, nada produz. Dissemos de proposito caminhos, e não estradas. Muitas vezes as palavras tem uma influencia incalculavel nas cousas: o mundo passou sem estradas por muitos seculos: na nossa Peninsula diz-se que foi o proconsul Crassus o primeiro que mandou construir uma estrada, porque este nome designa especialmente *caminho estradado*, calçado de pedras e de lages; e os hespanhoes e lusitanos, desacostumados de ver uma semelhante novidade, dotados d'uma imaginação viva e hyperbolica, chamaram-lhe caminho de prata, *via argentea* [assemelhando-o, não sem alguma propriedade, com este metal pela sua forma, e pela sua cór] tão differente dos estreitos escuros caminhos até alli praticados. Ora um certo pondonor ou orgulho nacional, mui trivial nos peninsulares, lhes ministra sempre idéas grandiosas e gigantes; e quando se trata de transit, de caminhos necessarios, lembram-se de estradas largas, reaes, magnificas, e daqui vem logo o thema = não ha meios: = e quem sabe se daqui tenha provindo em parte o desleixo total de nossos caminhos? Como não podemos construir estradas na significação que damos ao vocabulo, não abrem, nem se concertam os caminhos internos, locais, municipaes! E por tanto são estes os mais necessarios: são estes que ligando-se e communicando-se uns com os outros, formando na superficie do solo como uma extensa rede, deviam facilitar as passagens e formar a circulação dos generos em todas as direcções. Já se vê que neste calculo incluimos tambem os rios e canaes navegaveis, os

melhores e menos dispendiosos dos caminhos: e pois que nesta parte foi a natureza prodiga connosco retalhando o nosso solo com estas vivificantes arterias dispostas n'uma feliz proporção em todas as nossas provincias, procuremos tirar algum partido de seu benefico ministerio.

A 4.<sup>a</sup> causa é igualmente de visivel e palpavel evidencia; fallámos da prohibição dos generos agricolas estrangeiros. Um tempo houve, e não mui distante de nós em que a moda fez plausivel uma maxima dos falsos economistas — liberdade inteira de commercio. — Ao ouvir as fallaces razões destes sophistas, era isso um céu aberto; todos teriam tudo por preços muito commodos, e o mundo se tornaria um vasto mercado em que as necessidades, os incommodos, as phantasias mesmo encontrariam vasta provisão. Estas brilhantes miserias já não enganam os homens d'estado; as experiencias desmentiram o preceito. A liberdade do commercio é muito util naquillo que convem á nação, no resto a destruiria. O exemplo dos inglezes que já deixámos apontado nestas considerações é exemplo decisivo. A sociedade interessa em que esteja segura a abundancia do necessario pela grande circulação do necessario e do superfluo; primeiro entre os individuos d'essa sociedade, e secundariamente com os estrangeiros, para dar valor ao seu superfluo. — Para saber quando ha este superfluo, para saber qual elle seja, convem-lhe sem duvida [diz Mr. Malouet já citado] que empregue os nacionaes nos escambos com os estrangeiros; mas que exclua os estrangeiros dos escambos interiores. A razão disto é que quando negociam os naturaes uns com os outros, ou ganhem ou percam, nada perde o estado; mas sendo com os estrangeiros, perde quando perdem os nacionaes, e ganha quando estes ganham. Logo a liberdade da importação e exportação leva a desordem a todas as classes da sociedade que estava arranjada segundo aquelles principios. A liberdade geral d'exportação confunde o necessario

com o superfluo: a da importação tira a subsistencia a quantidade d'individuos que a sociedade deve manter. Terminaremos este artigo por uma observação essencial, e é que dependendo o commercio interno sómente das leis civis, facilmente se emendam e rectificam estas conforme ás necessidades do paiz; não assim no commercio externo, que pertence ás leis politicas, aos tratados, ás convenções internacionaes; muito attentos pois devem andar os governos nesta parte, porque estas tanto mais difficéis serão d'alterar-se quanto mais ruinosas forem ao paiz.

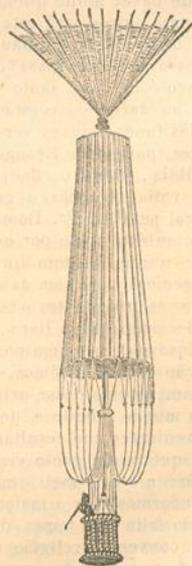
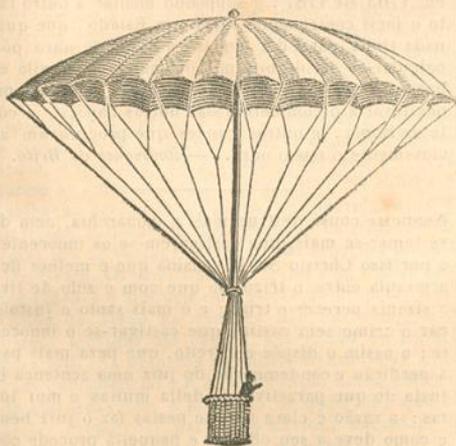
J. da C. N. C.

#### BALÕES AEROSTATICOS.

2.<sup>o</sup>

#### Pára-quédas.

É cousa bem sabida que o ar oppõe resistencia aos corpos, que se movem com certa rapidez; quanto maior esta fór, tanto maior será a resistencia: a experiencia mostrou que, a respeito do mesmo corpo, se a rapidez ou velocidade é dupla, a resistencia do ar quadruplica; se a velocidade é triplice a resistencia é nove vezes maior: — emfim a resistencia do ar augmenta na razão do quadrado da velocidade do corpo posto em movimento. Resulta deste principio que se um corpo cahe no ar a acceeração de velocidade, que desde logo experimenta, vai gradualmente decrescendo. A resistencia se augmenta em razão da superficie do corpo em movimento, de forma que augmentando-se a superficie de um corpo que cahe, a uniformidade de sua rapidez se estabelece, com pequena differença, desde a origem do seu movimento. Dahi vem que pôde atenuar-se a quéda de qualquer corpo, dando-lhe grande desenvolvimento de superficie.



Conforme o principio apontado foram construidos de tecnologia, Mr. Lenormand, tinha feito algumas experiencias deste genero; porem em 1802 é

que se fez o primeiro ensaio eficaz; Mr. Garnerin pôz em pratica á vista do povo de Paris a ousada tentativa de se deixar cahir de mais de 200 toezas de elevação; chegado áquella altura o intrepido aeronauta cortou a corda que sujeitava a barquinha ao balão; a quéda era de espantosa celeridade, mas abrindo logo o pára-quédas, a velocidade diminuiu consideravelmente: o pára-quédas não deixava de soffrer enormes oscillações, effeito do ar que se accumulava debaixo, e que ao evadir-se, tanto para um como para outro lado produzia no pára-quédas uma serie de abalos, que felizmente nenhum resultado funesto causaram. Posteriormente se alcançou evitar este effeito, pondo no centro do pára-quédas um tubo de alguma elevação para que o ar possa sahir sem prejuizo da resistencia que diminue a velocidade da quéda.

A estampa da columna esquerda mostra o pára-quédas aberto na occasião em que desce o aeronauta: e na estampa opposta vê-se o pára-quédas fechado.

### Bibliographia.

*Historia abbreviada da Religião antes da vinda de Jesus Christo: por L'Homond, posta em linguagem por Fr. Domingos Vieira, da Ordem dos Eremitas calçados de St.º Agostinho, da extincta provincia de Portugal. 2 vol. em 8.º — Lisboa 1843. — Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.*

Na epocha de indifferença e hypocrisia em que vivemos não podia o Sr. Fr. Domingos Vieira trasladar para a nossa lingua livro que mais proveitoso fosse á religião e á moral, do que a obra de que annunciámos a recente publicação, pois que se este seculo tonto abunda em indifferentes e hypocritas não deixa ainda de haver muito quem crêa e espere. Para uns e para outros será esta obra de proveito — desviará os perdidos do máu caminho que seguem — e animará os justos para o continuarem a ser. — Este livro é um laço santo que prende o *Novo Testamento ao Antigo* — e esta união é uma das primeiras e das fundamentaes verdades em que todos devemos crer, pois que o Evangelho está comprehendido na Biblia, como o effeito na causa. — De muito maior valia se torna o grande serviço prestado a Portugal pelo Sr. Fr. Domingos Vieira, se attendermos ao subido preço por que a *Biblia* se vende entre nós; o que faz com que poucas pessoas leiam este precioso livro sem as adulterações e mutilações com que os protestantes o costumam mandar imprimir — de modo que o livro, cuja leitura é a todos indispensavel, por bem poucos é conhecido. — A traducção de que fallámos, podendo considerar-se como um resumo desse primeiro e mais sublime livro do mundo, destroe de algum modo muitos dos inconvenientes que resultam da ignorancia absoluta em que muita gente vive no que diz respeito á religião: e é este mais um motivo de a todos o recommendarmos com o maior empenho: e já que fallámos na falta que temos de uma edição da Biblia, como convem á religião que professámos; e que seja de pouco custo: permittam-se-nos mais algumas reflexões ácerca de tão importante assumpto. — O Governo, que tanto deve cuidar na moralisação do paiz, pôde concorrer muito para que

a Biblia se propague como convem nesta terra classica da Religião e de virtudes, mandando fazer esta edição á custa do thesouro, ou promovendo uma subscrição para este fim; pois que estamos certos não faltará quem dê o exemplo em concorrer para que se realise um tão santo e util pensamento: parte dos exemplares desta edição deveria ser distribuida pelos parochos para que as distribuíssem pelas familias pobres das suas freguezias, e a outra parte deveria vender-se por tão pouco preço que parecesse mais dada do que vendida — aqui deixámos registada esta nossa lembrança sem perdermos o direito de a repetir sempre que para isso tivermos occasião, e com maior desenvolvimento do que por agora lhe damos. — Antes de terminarmos este artigo lembraremos a quem compete providenciar em taes casos que muitos ou quasi todos os exemplares da Biblia, que os protestantes espalham em Portugal, e que publicamente se vendem — alem de não trazerem notas — attribuem falsamente a sua traducção ao nosso muito sabio e virtuoso padre Antonio Pereira de Figueiredo. — Este nome respeitavel, servindo de escudo a uma traducção imperfeita e tentada com o fim de destruir a religião catholica e apostolica romana — é uma calunnia atroz que não deve ficar impune. — Pomos termo a estas observações, que em nossa consciencia julgámos dever fazer, concluindo de tudo quanto deixámos escripto que foi um grande bem para a religião e para a moral a traducção que com tanto empenho recommendámos a todas as classes da sociedade, e que de grande proveito será para todas as idades.

S. J. Ribeiro de Sá.

*Dinheiro da Peninsula.* — « . . . as minas do Potosi foram tão abundantes que chegaram a realisar a effectiva baixa do ouro e prata; e que tem continuado até hoje a dar uma colheita muito consideravel á monarchia hespanhola (\*). E em quanto a Portugal eu vi uma conta deduzida das alfandegas inglezas, que provava por calculo medio ser a importação annual, que foi destes reinos para aquella nação, de um milhão esterlino (*pode-se reputar dez milhões de cruzados*) desde o tratado de Methuen em 1703 até 1787; e suppondo montar a outro tanto o facil contrabando sobre um Estado, que quasi nada tinha para dar em troca alem do ouro pôde calcular-se em dezoito milhões annuaes aquella exportação do ouro de Portugal, sem contar o que nos levaria o commercio das outras nações, a corte de Roma, e outros canaes que procuravam anciosamente o nosso ouro. » — *Rodrigues de Brito.*

NENHUMA cousa destrue mais a monarchia, nem deve temer-se mais, que castigarem-se os innocentes; e por isso Christo S.º N. ensina que é melhor ficar a sizania entre o trigo do que com o zêlo de tirar a sizania perecer o trigo; e é mais santo e justo ficar o crime sem castigo que castigar-se o innocente; e assim o dispõe o Direito, que peza mais para a perdição e condemnação do juiz uma sentença injusta do que para livra-lo della muitas e mui justas: a razão é clara porque nestas faz o juiz bem, e como deve a seu officio, e naquella procede contra o que a elle deve; no primeiro caso faz o julgador sua obrigação, no segundo pécca um peccado, que não tem restituição. — P.º Antonio Vieira.

(\*) O A. escrevia em 1803.